



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Empreendedorismo materno: entre o ideal subjetivo e a frustração performática¹

Julia Salgado²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Marianna Ferreira Jorge³

Universidade Federal Fluminense

Resumo

O objetivo deste artigo consiste em examinar o ideal subjetivo construído em torno da figura da “mompreneur”, neologismo inglês cunhado para designar uma nova categoria profissional: a de mães-empendedoras. Após sua criação, em 1996, esta nova classificação tem se disseminado exponencialmente nos últimos anos em diversos países do mundo, inclusive no Brasil. O intuito do trabalho é compreender alguns de seus sentidos, bem como as suas implicações nas subjetividades contemporâneas. Para isso, serão examinados depoimentos postados no grupo Maternativa, presente na rede social Facebook. Trata-se de um coletivo de mães que tem como proposta produzir uma “inteligência coletiva sobre mercado de trabalho e empreendedorismo materno”.

Palavras-chave: empreendedorismo materno; subjetividade; neoliberalismo; mal-estar.

Introdução

A tarefa de conciliar maternidade com afazeres domésticos, e ainda uma atividade profissional remunerada certamente não é nova. Há pelo menos dois séculos mulheres mantêm, crescentemente, a chamada tripla jornada. Enquanto as lutas feministas das primeira e segunda ondas possibilitaram que as mulheres participassem cada vez mais do mercado de trabalho (Pinto, 2010), uma série de questões (de ordem cultural, social e institucional) aparece como empecilho para que se possa pensar, de fato, numa igualdade de gêneros na atualidade. De acordo com grande parte dos argumentos (seja das próprias mulheres, ou aqueles da mídia tradicional), embora os avanços tenham sido muitos, as

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, cultura empreendedora e trabalho: consumo, narrativas e discursos, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Mestre e doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Atualmente realiza seu pós-doutoramento na mesma instituição, com bolsa FAPERJ. E-mail: juliasalgado@gmail.com.

³ Doutoranda e mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Bolsista Capes e Faperj. E-mail: mariannafferreirajorge@gmail.com.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

mulheres ainda teriam que vencer um duplo desafio: as desvantagens e os preconceitos do mercado de trabalho, de um lado; a sobrecarga de atribuições com a família, de outro.

Atual, no entanto, seria a categoria profissional concebida justamente para que mulheres possam performar nesses variados âmbitos da vida: o empreendedorismo materno. Segundo a maioria dos discursos encontrados na mídia, ele seria uma ferramenta de conciliação de uma vida profissional realizadora com uma maternidade ativa, já que a autonomia de ser “a própria chefe” permitiria a flexibilidade de distribuir o tempo, como profissional e mãe, de acordo com o julgamento pessoal, livrando a mulher das injunções sistêmicas e de (algumas) hostilidades culturais.

Neste artigo, propomos um olhar exploratório para esta nova categoria subjetiva, sem a pretensão de ser totalizante nem exaustivo. Em busca de mapear algumas de suas manifestações no contexto brasileiro, vamos realizar uma breve análise do *Maternativa*, autodefinido como “o maior portal de empreendedorismo materno do Brasil”, presente na web tanto através de um site próprio quanto por meio de um grupo fechado na rede social Facebook. Neste espaço de interação online, os posts, comentários, reportagens sugeridas e materiais produzidos e disponibilizados pelas organizadoras da rede nos dão algumas pistas para compreender os predicados subjetivos associados às mães empreendedoras, bem como alguns dos conflitos e contradições que esses emergentes modos de ser e estar no mundo carregam.

Acreditamos que, embora a imagem da “mompreneur” seja construída sobre um aparente caráter emancipatório, tal subjetividade não apenas respalda um imperativo por performance feminina, como também enfraquece uma crítica mais contundente a um mercado de trabalho hostil às demandas de mães trabalhadoras. Antes, porém, de realizar a análise proposta, reservamos um breve momento para situar a emergência dessa categoria subjetiva, sinalizando algumas das “condições de possibilidade” (Foucault, 1979) que tornaram esta figura não apenas concebível, mas inclusive requerida nos dias de hoje.

A “mompreneur”

A palavra “mompreneur”, um neologismo que na língua inglesa corresponde a junção dos termos *mãe* e *empreendedora*, foi cunhada há pouco mais de 20 anos por Patricia Cobe e Ellen Parlapiano, autoras do livro *Mompreneurs: A Mother's Practical Step-by-Step Guide to Work-at-Home Success* (1996). Sem dúvida, a maior contribuição do guia prático destinado às mães que trabalham em



casa (e almejam o sucesso!) foi a criação de um nome, uma categoria social à qual mulheres que partilham de experiências semelhantes podem se identificar. Embora, a princípio, tenhamos a tendência a não considerar a *nomeação* como algo significativo ou transformador, vale lembrar que se trata de um processo através do qual se designa novos “tipos de pessoa”, sendo, portanto, diretamente relacionado à *subjetivação*, como argumenta Ian Hacking em *Making up people* (1985). Seguindo o legado de Michel Foucault, para quem a nomeação era um dos elementos discursivos mais potentes na constituição de si, o filósofo canadense disserta sobre como a configuração de novas formas de subjetividade e de sociabilidade está intimamente ligada à invenção de novas categorias com as quais os sujeitos podem ser rotulados. Se, argumenta o autor, mudanças sociais contribuem para a criação de novas categorias de pessoas, por outro lado “as pessoas se adequam, espontaneamente, às suas categorias” (1985, p. 161). Nesse sentido, é curioso notar que enquanto hoje a categoria de “mompreneur” está se tornando cada vez mais ubíqua e popular (sendo, inclusive, orgulhosamente requerida e autopropalada pelas mulheres), não existe um paralelo em tal definição para o universo masculino – algo como o “dadpreneur”. Isso, sem dúvida, é significativo, e revela bastante sobre as racionalidades (e intencionalidades) que fundamentam esta nova categoria.

Embora a palavra “mompreneur” exista desde 1996, seu uso massivo se dá ao final da primeira década do século XXI, como documenta a pesquisa de Meredith Krueger (2015): sua busca pelo termo no Google em 2010 resultou em cerca de 120 mil menções; em 2011 os resultados subiram para mais de 700 mil. Hoje, em meados de 2018, a ferramenta de busca é capaz de rastrear mais de 2 milhões e 600 mil resultados em 0,35 segundos, incluindo desde verbetes no Wikipedia, em dicionários tradicionais⁴ ou de negócios⁵, até links para revistas⁶, sites, cursos⁷, podcasts⁸ e até um webshow⁹ sobre o tema. De fato, trata-se de um crescimento vertiginoso e que chama atenção não apenas pela influência subjetiva que tal dispersão discursiva representa, mas também pela potência mercadológica que ela traz consigo.

⁴ Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/mompreneur>. Acesso em: 18/04/2018.

⁵ Disponível em: <http://www.businessdictionary.com/definition/mompreneur.html>. Acesso em: 18/04/2018.

⁶ Disponível em: <https://themompreneur.com/magazine/>. Acesso em: 18/04/2018.

⁷ “Money-Making Courses for Mompreneurs - Learn ways to monetize your online business and start earning money doing what you love!”. Disponível em: <https://mompreneurmoney.teachable.com/>. Acesso em: 18/04/2018.

⁸ Disponível em: <https://player.fm/podcasts/mompreneurs>. Acesso em: 18/04/2018.

⁹ Disponível em: <http://mompreneurshow.com/61-filling-need-starting-successful-business-based-others-asking-maegan-watson-watson-style-group/>. Acesso em: 18/04/2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Nos dois “ambientes discursos” em que o tema do empreendedorismo materno tem sido mais recorrente – na mídia e naquilo que Krueger (2015) chamou de “mompreneurial webspace”, ou seja, o conjunto de sites, blogs e grupos em redes sociais feitos por e para as mães empreendedoras –, em geral são apresentadas três grandes linhas de força que contribuem para a emergência e a popularidade dessa prática hoje. As tecnologias digitais possibilitariam que mulheres trabalhem de suas casas e, conectadas através de seus computadores e smartphones, estabeleçam novos mercados e redes de relacionamento. Desigualdades em termos de acesso a tecnologias e serviços obviamente não são pontuadas nos discursos; e pouco se fala das imensas dificuldades cognitivas envolvidas em desenvolver um negócio bem-sucedido na web. As novas configurações do trabalho também são apontadas como propulsoras do empreendedorismo materno: diante de uma realidade de expansão e diversificação da atividade empreendedora em detrimento das tradicionais formas de trabalho assalariado (Salgado, 2016), tornar-se “empreendedora” após a perda de um emprego formal é mais do que apenas uma escolha, mas uma recorrente realidade. Empreender, para essas mulheres assim como para muitos outros indivíduos, é na maioria das vezes uma questão de necessidade e falta de opção, e não de oportunidade ou predileção. Finalmente, algumas das transformações sociais e culturais em curso embasariam a emergência de uma mulher estimulada a ser bem-sucedida em áreas supostamente (ou historicamente) discrepantes, como a maternidade e a carreira.

Infelizmente, as limitações de espaço deste artigo não permitem um maior desenvolvimento desses fatores, mas é importante ressaltar a proeminência de um discurso que, em linhas gerais, diz à mulher: “você tem o direito (quicá o dever) de ser bem-sucedida em todos os âmbitos da vida, não espere nada menos do que isso!”. A espinha dorsal da ideia de empreendedorismo materno – a bem-sucedida conciliação entre as esferas pessoal e profissional –, ainda que revestida de um caráter emancipatório, revela um pungente imperativo à performance feminina, como será possível perceber nos relatos das próprias “mompreneurs” no grupo Maternativa.

Maternativa

Criada em 2015 por Ana Laura Castro e Camila Conti, a rede Maternativa surgiu da “consciência de que o mercado de trabalho é extremamente despreparado para receber e lidar com as mães puérperas”. Desejosas de poder estar mais tempo ao lado dos filhos nos primeiros anos de vida e necessitando manter uma atividade profissional remunerada, Ana Laura e Camila vislumbraram a



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

possibilidade de criar uma rede de suporte a mães que passassem pelos mesmos desafios. Após um mês da criação do grupo no Facebook, o Maternativa já contava com mais de 600 mães. Hoje, meados de 2018, são quase 21 mil integrantes no grupo. Em pesquisa quantitativa realizada em 2015 pelas criadoras, o perfil de “quem são as mães que estão no grupo” apontou os seguintes dados: mais de 90% residem no Sul e Sudeste do Brasil e têm entre 25 e 40 anos; 78% não eram empreendedora antes da maternidade, e decidiram sê-lo para, entre outros fatores, “ficar mais perto do filho” (19%), “ser dona do próprio tempo” (16%) e “ter mais qualidade de vida” (16%). Enquanto a maioria alega que decidiu empreender pois “queria fazer algo de que gostasse” (45%), 28% dizem ter pedido demissão após o nascimento do filho, e 9% perderam o emprego na mesma ocasião. Finalmente, entre as maiores dificuldades de ser uma mãe empreendedora estão: “gerenciamento do tempo” (17%), “ser comercialmente competitiva” (12%), “conciliar família e trabalho” (11%). Já nesses dados iniciais é possível perceber uma visível discrepância entre as expectativas de um empreendedorismo materno idealizado (onde é possível ficar mais tempo perto dos filhos, ter qualidade de vida e dominar seu tempo) e a realidade que a prática apresenta (dificuldades em gerenciar tempo, negócio, família, lucratividade).

No grupo do Facebook, o intuito é criar um espaço onde informações e conteúdos relacionados ao empreendedorismo materno possam ser compartilhados entre as integrantes, auxiliando mulheres que desejam realizar uma guinada na vida profissional. Desta forma, as postagens mais comuns são: apresentações das mães, contando suas histórias e apresentando seus empreendimentos; pedidos de ajuda e oferta de dicas sobre o processo de empreender (aplicativos, conhecimentos de marketing ou finanças, cursos e eventos, legislação, coaching); posts motivacionais, com palavras de encorajamento e apoio; e finalmente os desabafos, que embora não sejam permitidos pela curadoria do grupo (e podem ser deletados sem aviso prévio) abundam na rede, servindo-nos de pistas valiosas para compreender os mal-estares que compõem essa nova configuração subjetiva.

De modo geral, é possível dizer que a trajetória típica de uma “mompeneur” é a seguinte: durante a licença maternidade, ou após o nascimento do filho, a mulher começa a questionar seu retorno ao mercado de trabalho aos moldes em que o realizava antes de tornar-se mãe (o que muitas vezes envolvia longas jornadas de trabalho, acúmulo de funções, “levar” trabalho para casa). Percebe o desejo por permanecer mais tempo junto ao filho e antevê as dificuldades que possivelmente enfrentará em seu retorno. Em paralelo, essas mulheres vislumbram, ao longo da gravidez e dos primeiros anos de



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

vida do filho, oportunidades de mercado em termos de produtos e serviços destinados a facilitar e promover a vida doméstica e os cuidados com as crianças que são negligenciadas. Assim, em algum momento de suas vidas (algo que varia muito e pode se dar imediatamente após o término da licença ou muito tempo mais tarde) essas mulheres mudam de vida: se demitem ou são demitidas, empreendem paralelamente ao trabalho formal ou se dedicam exclusivamente ao empreendimento.

É possível perceber, em dezenas de relatos, o sentido de “libertação” envolvido na ideia do empreendedorismo materno: no mercado tradicional, a mulher seria constrangida por uma “rotina maluca de trabalho”, em que as demandas da maternidade e aquelas de um trabalho “44 horas” são incompatíveis, sendo a demissão apresentada por muitas como um “alívio”. Dentro desta construção, o empreendedorismo materno surge como solução perfeita: seria possível dedicar-se a um trabalho no qual se faz o que realmente gosta e, ainda, ter total gerência sobre sua rotina, com tempo para acompanhar de maneira ativa o crescimento dos filhos, sem delegar nada a terceiros. Esse ideário é complementado, ainda, com imagens que apresentam uma versão no mínimo romanceada do empreendedorismo materno. A busca pelos termos “mompeneur”, “mãe empreendedora” e “empreendedorismo materno” no Google Imagens revela mulheres sorridentes e de aparência saudável, respondendo a um e-mail ou telefonema enquanto carregam uma tranquila criança no colo. O ambiente em que a cena é representada, em geral, é um arrumado “home office”, aparentemente sem qualquer vestígio do caos de uma casa com uma criança pequena. A grande maioria das imagens é de mulheres brancas, magras, bem vestidas e penteadas, sendo necessário digitar “mãe empreendedora negra” para que aparecesse uma foto de uma negra na mesma representação. Um resultado recorrente da busca é a ilustração da “mulher multitarefa”, que assim como a deusa hindu Durga, tem várias mãos para dar conta de seus vários afazeres (ver Figura 1). No grupo em questão, tal visão romanceada de um dia a dia tranquilo e organizado é muitas vezes contestada por postagens de mulheres que mostram uma realidade bastante diferente (ver Figura 2), e recorrem à rede em busca de dicas ou soluções que permitam alcançar um cenário ideal¹⁰.

¹⁰ “Pra poder trabalhar eu entrego a vida e a casa a sorte! Todo final do dia eu varro uma praia pra fora. Durmo quase toda noite com areia e marido fica surtado de andar num chão que sempre tem areia, mas é o jeito que dá pra fazer alguma coisa com 3 crianças e só uma na escola, por meio período! Como vcs fazem? To precisando de idéias!” (10/09/2015); “Minas que trampam em casa, com filhos pequenos e sem empregada/faxineira. Como conseguem? Como dão conta? Preciso de ajuda pois em breve estarei com dois filhos em férias em casa, sem ajudante alguma e marido viajando um mês inteiro a trabalho.....” (06/06/2016); “Trabalhar em casa é viver de pijama! É dividir a mesa de trabalho com o homem aranha e mais uns 30 carrinhos. É sair pulando pela casa, de chinelo e meias, defendendo-se dos brinquedos espalhados pelo chão. Se tu és uma mãe empreendedora cujo filho não vai a escola e ainda fica com você em casa, vem aqui, vou te dar um abraço e



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO



Figura 1 - home office "ideal" no Google Imagens.



Figura 2 - postagem de home office "real".

A ideia de que a mulher, mais do que o homem, tem capacidade de exercer diversas tarefas simultaneamente e de maneira harmoniosa não é um dado novo. De tempos em tempos, matérias na mídia apontam estudos científicos que asseguram a superioridade feminina quando o assunto é a gestão de múltiplas incumbências ao mesmo tempo. As justificativas vão desde aspectos fisiológicos (como capacidade cognitiva) até culturais: por terem sempre desempenhado tarefas domésticas como arrumar a casa e cuidar dos filhos, as mulheres teriam aprendido, na prática, a ser multitarefa. Em sua dissertação de mestrado, Tatiane Leal mostra como a retórica da “mulher poderosa” vem sendo apresentada como a nova imagem da mulher contemporânea. A “supermulher” construída pela mídia é a perfeita timoneira de uma vida bem-sucedida, sabendo equilibrar, harmoniosamente, trabalho, casamento, maternidade, beleza e sociabilidade. Leal mostra, no entanto, “como esse modelo de vida equilibrada é uma retórica que mascara a exigência da alta performance em variadas esferas” (Leal, 2015, p. 22). Tratar-se-ia de uma realidade na qual supostamente é possível “conquistar tudo”.

Não é facultada à mulher a possibilidade de deixar de corresponder aos padrões de excelência em nenhuma delas. (...) A exigência de uma performance sem limites em todas as esferas da vida propaga um ideal de felicidade difícil de ser alcançado plenamente, contribuindo para gerar mal-estares como a culpa e a ansiedade (LEAL, 2015, p. 126).

A exigência por alta performance em todos os âmbitos, contudo, não está restrita somente às mulheres. Com o declínio do Estado de bem-estar social e com a ascensão do neoliberalismo, os

vamos chorar juntas! Gente, NÃO DÁ! Não é possível! É desumano tentar trabalhar com crianças em casa. Eu tentei e literalmente e n l o u q u e c i!” (21/07/2017); “Mamães, alguma de vocês trabalhando home office com criança de um ano em casa? Podem dar dicas de como estão conseguindo se organizar??” (08/03/2018).



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

sujeitos perderam quase todas as garantias de segurança, provenientes de políticas públicas e do amparo estatal, e passaram a contar apenas consigo para garantir a própria sobrevivência num mundo regido pelo mercado, que tem a competição como regra do jogo. Nesse cenário, cabe a todos (e a qualquer um) interiorizar os discursos meritocráticos que dão tom aos testemunhos de sucesso atuais e dispor de ferramentas necessárias para reproduzi-los, gerindo a si como uma empresa rentável e bem-sucedida. Ao analisar o atual regime de poder, o pesquisador coreano Byung-Chul Han, no livro *Sociedade do Cansaço*, 2015, atenta para o desenvolvimento de formas simbólicas de violência ainda mais sutis e eficazes que aquelas implementadas no decorrer do período moderno. Um dos principais argumentos do autor é que atualmente vivemos um “excesso de positividade”, em contraposição à negatividade que imperava nos rígidos regimes disciplinares – analisados pelo filósofo francês Michel Foucault (1987). Enquanto a violência na era industrial tinha um caráter privativo e excludente; na sociedade contemporânea – orquestrada pelo mercado e pelos fluxos globais de informação e consumo – ela se institui através de dinâmicas saturantes e exaustivas, em prol de um ideal normativo de alta performance otimizada. Assim, argumenta Han (2015), os indivíduos em vez de sofrerem pela negatividade da coerção, da proibição e do dever, passaram a sofrer pela positividade do poder e pelo excesso de estímulos que ditam os novos imperativos em torno à superprodução, ao superdesempenho e à supercomunicação. Em 1975, Foucault sagazmente já nos alertara sobre essas novas torções nos mecanismos de captura, relatando o seguinte: “encontramos um novo investimento [sobre o corpo] que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação” (1979, p. 147).

Sob o lema “Yes, we can”, os novos assujeitamentos se impõem, sobretudo, na aparente sensação de liberdade e autonomia que rege a “sociedade de desempenho” e camufla as novas formas de sujeição. Os loucos e delinquentes de outrora, produzidos pela negatividade das normas e das leis, bem como pelas fronteiras dicotômicas entre normal e anormal, certo e errado; agora dão lugar aos depressivos e fracassados, vítimas da permissividade, do livre-arbítrio e do “cansaço de fazer e poder”. Nessa nova relação consigo, com os outros e com o mundo, “a depressão se expande ali onde os mandatos e proibições da sociedade disciplinar dão lugar à responsabilidade própria e à iniciativa” (Han, 2015, p. 27). Os sujeitos “da obediência” da era industrial, por sua vez, vêm perdendo espaço para os contemporâneos “sujeitos do desempenho e da produção”, empresários de si mesmos. Ao que parece, as mães empreendedoras não escaparam desta nova modalidade de “servidão voluntária”, que fomenta a autoexploração, ao mesmo tempo que ganha ares de liberdade.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Nos relatos das mães empreendedoras presentes no Maternativa, o mal-estar aparece recorrentemente em posts marcados pela rubrica [desabafo]. Neles, é possível perceber como o ideal de equilíbrio e realização plena (tanto profissional quanto pessoal), que marca a construção subjetiva da mãe empreendedora, nem sempre é realizável na prática. O cansaço pelo acúmulo de afazeres (domésticos, com os filhos e companheiros e com o trabalho) desponta como principal reclamação de mulheres que dormem poucas horas por dia e têm que aproveitar as madrugadas para poder realizar algum trabalho. Afinal, como bem pontua o historiador da arte Jonathan Crary no livro *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*, “no paradigma neoliberal globalista, dormir é, acima de tudo, para os fracos”. Sempre disponíveis, produtivas, conectadas e cansadas, essas mulheres precisam atender a um ritmo de atuação “24/7”. Isto é, vinte e quatro horas por dia durante os sete dias da semana. “É um tempo que não passa mais, para além das horas do relógio”, diagnostica o autor (2014, p. 18).

Não se submeter a tal inscrição da vida, contínua e sem descanso, estaria intimamente ligado a um sentimento de fracasso e temor de reprovação social e econômico. As armadilhas presentes nesses novos estímulos são muitas. Sobre elas, Crary alerta (2014, p. 19): “um ambiente 24/7 parece um mundo social, mas é na verdade um modelo não social de desempenho maquínico e uma interrupção da vida que não revela o custo humano exigido para sustentar sua eficácia”. E prossegue: “é uma zona de insensibilidade, de amnésia, de tudo que impede a possibilidade de experiência” (id., p. 26). Enquanto o futuro tem perdido as expectativas de progresso e desenvolvimento, tornando-se incerto e ameaçador, o presente se hipertrofiou e se homogeneizou. Trata-se agora de uma condição atemporal que inibe as possibilidades de mudança e de acontecimentos inesperados, estimulando um ambiente de isolamento social e de impotência política. Pautado na repetição do mesmo, o “eterno presente” está a serviço do capital e demanda que cada um invista o seu tempo e as energias vitais numa batalha diária pelo ganho e pela sobrevivência pessoal.

Não é de estranhar que as mães empreendedoras aqui em foco, alinhadas com o funcionamento do mercado e com o ritmo de vida 24/7, percam o controle de suas rotinas e não consigam mais ter distinção entre vida pessoal e profissional, trabalho e não-trabalho, ação e repouso, público e privado. Os inúmeros relatos e desabafos¹¹ que tratam da enorme carga de trabalho e do consequente cansaço

¹¹ “Meninas, mais alguém assim na madrugada? Aqui só tenho conseguido produzir nesses horários, minha bebê tem quatro meses e exige bastante da minha atenção durante o dia, não quero colocá-la em creche ou algo parecido, mas confesso que é bem cansativo.” (02/02/2017); “Olá maternas, tudo bem? Como vc conseguem administrar seus negócios/empreendimentos e filhos. Sou mãe de um menino de 3 anos cheio de energia, a parte da manhã é exclusiva dele e da preparação do papa. De tarde o deixo na escolinha, e tento otimizar ao máximo minhas costuras, mas o tempo passa



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

se potencializam diante da constatação de que tal ritmo de vida acaba por impedir que se dediquem tanto, ou com qualidade, aos filhos – um dos principais motivos para que se tornassem “mompreneurs”. Desta forma, podemos perceber uma incongruência entre a imagem idealizada de uma mãe empreendedora – aquela que será muito mais feliz e realizada, pois vai ser livre para trabalhar com o que gosta, sendo a própria chefe e ganhando dinheiro enquanto acompanha os pormenores da rotina dos filhos – e aquela que se torna a realidade de muitas – um trabalho muitas vezes solitário e exaustivo, que exige uma dedicação muito maior do que o imaginado e remunera menos do que o esperado. Uma atividade laboral que nem sempre permite o sonhado “tempo de qualidade” com os filhos. Como, então, explicar a diferença entre os estados ideal e real do empreendedorismo materno? Enquanto seria perfeitamente possível elencar uma série de fatores estruturais e culturais para os desafios vividos pelas “mompreneurs” (como as dificuldades burocráticas e financeiras inerentes a qualquer pequeno negócio; a parca oferta de capacitação de qualidade e acessível a todas; a mentalidade patriarcal – embutida inclusive nas mulheres – que atribui as responsabilidades domésticas e familiares à figura feminina), na rede é possível observar muitas explicações individualizantes. Isto é, seriam as características pessoais das mulheres – sua força de vontade, seu talento, sua resiliência – que definiriam e explicariam sua trajetória de sucesso ou fracasso.

Esta abordagem certamente não é nova, mas ao contrário reflete um traço típico do sistema neoliberal, que tende para a privatização de toda e qualquer responsabilidade pelo destino individual. Diante de uma realidade na qual as grandes instituições modernas (Estado, família, sindicatos) e as redes comunais de suporte perdem proeminência, vemos emergir discursos que ignoram os aspectos estruturais e dão ênfase à interioridade subjetiva e à responsabilização pessoal. Seriam os atributos psicológicos e comportamentais do sujeito – não suas condições sociais, culturais ou estruturais – as

VOANDO e depois q ele chega em casa não consigo fazer mais nada relacionado ao trabalho. Depois q o coloco para dormir volto mas sem mais o mesmo ânimo e fico até as 3 da manhã e acordo as 8h. Tenho estado exausta. Vou procurar um planejamento pessoal é queria tb a opinião de vcs! Pq tá ficando tudo meia boca por aqui.” (18/04/2017); “7:30 o dia começa (na verdade segue após 3 despertares na madrugada). Quer colo, aconchego, chora, algo incomoda, faz mama, troca a fralda, mais colo. Hora de aproveitar pra ler e responder emails. Mais colo. Mais um acorda, mamadeira, atenção, colo. Outro chora, não amanheceu bem, mais colo. Meio da manhã, casa pra organizar, roupa pra trocar, dente pra escovar. Mais choro, mais colo. Aproveito pra fazer pesquisa e correr atrás. Começo a organizar a casa, briga, choro, colo, fome, fralda, ajuda, briga, pára tudo pra atender. Retoma. Resolve pendências, pensa no almoço, no lanche, no uniforme, arruma a casa, a cama, a mesa, a roupa. Corre atrás, pensa, repensa, busca alternativas, lembra de se vestir, erra a comida, colo. Almoço, choro, sono, comida no chão, atenção, cabeça dispara pensando, criando, buscando. Colo. Arruma um, arruma outro, duas mochilas, uma bolsa, duas crianças, dois braços, um grande cansaço. Larga um, larga outro, senta e tenta. Cabeça a mil, cansaço pulsando. É recém meio da tarde. Há quem ache que é fácil.” (23/07/2017).



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

reais fontes de seu êxito ou sua ruína. Como veremos a seguir, a defesa por tal modelo de vida performático e individualizante – assim como resistências a ele – está presente no Maternativa.

Vá ser feliz! Seus filhos agradecem!

Esse é o título de uma postagem do grupo, datada de 12 de abril de 2018, que teve mais de uma centena de curtidas e aproximadamente trinta comentários. Nele, a integrante compartilha um texto cuja autoria atribui à psicóloga Carol Kherlakia:

Eu nunca vi filhos felizes com uma mãe infeliz! Simplesmente não dá! A mãe dita o clima, o humor, é o fio terra da casa. Tudo passa por ela. Sabe quando o comissário de bordo diz para os adultos colocarem primeiro a máscara de oxigênio neles e depois nas crianças? É assim que vejo nosso papel de mãe. Isso quer dizer que precisamos nos salvar primeiro pra depois salvar nossos filhos. Eles não se salvam sozinhos. Essa é uma ótima analogia pra maternidade. Num primeiro momento, pode soar um pouco de egoísmo colocarmos a máscara na gente primeiro, mas depois fica tão óbvio! Por isso, se você quiser seus filhos felizes, fique feliz! Sacrifique um pouco eles por você. Não, não é egoísmo! É o melhor que você pode fazer pelos pequenos. É assim que eles vão ficar bem, tendo você bem! Se para isso você precisa sair pra jantar com as amigas de vez enquanto (sic), fazer a sua academia e viajar uma semana só com o marido, então faça! Faça e sem culpa! O que adianta um final de semana a mais com eles e você triste, desmotivada e esgotada? Mãe exausta fica brava, impaciente e o tempo junto com os filhos fica nocivo e não saudável. Vá se recarregar e volte cheia de energia. Ainda terão muitos finais de semana pra você curtir seus filhotes pela frente. Jogue essa culpa pra lá e vá ser feliz! Seus filhos agradecem!

O brado pela busca da felicidade materna é, a princípio, revestido de caráter emancipador às mulheres. Mas olhando mais detidamente é possível perceber as linhas de força e as implicações ali presentes. Em primeiro lugar, o pressuposto de que se parte: se as mulheres precisam se libertar de certas responsabilidades e deveres que as impedem de serem felizes – e isto seria um ato difícil, pois implicaria culpa por um suposto egoísmo – seria porque tais responsabilidades e deveres são consensualmente atribuídos a elas, inclusive pelas mesmas. A necessidade de se desprender de um ideal de maternidade construído como exclusivo e empenhativo só pode existir diante da realidade de tal ideal. Assim como todo poder pressupõe uma resistência, toda resistência pressupõe um poder. E, na fuga por tal imperativo de uma maternidade integral, depara-se com outro imperativo contemporâneo: o da felicidade.

Capturada pelo espírito empresarial, a felicidade foi instrumentalizada e redefinida nas últimas décadas, sendo elencada na lista dos principais atributos performáticos a serem conquistados, mensurados e espetacularizados na construção de uma subjetividade bem-sucedida. Não mais concebida como um estado de exceção ou um horizonte utópico a ser perseguido, o imaginário social



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

– intensamente propagado pela tecnociência, pela psicologia positiva e pelos guias de autoajuda – parte da ideia de que a felicidade pode ser vivenciada ininterruptamente, uma vez que a sua manifestação “está atrelada, apenas e tão somente, à livre determinação moral do indivíduo para engajar-se em sua reforma e seu crescimento pessoal”, como atentara João Freire Filho (2010, p. 55). Tais capacidades individuais e meritocráticas, por sua vez, ignoram os precários recursos econômicos, educacionais e culturais de que cada sujeito dispõe (Freire Filho, 2010).

O obrigatório estado de bem-estar se transformou em um recurso estratégico para a otimização das diversas esferas da vida, como a saúde, a produtividade, a sociabilidade e a própria maternidade, como visto no relato acima. A felicidade almejada aqui não é livre de injunções e objetivos, mas destina-se a uma utilidade aparentemente mais nobre: o bem-estar dos filhos. Ou seja, a “mãe feliz” retratada (que implica a aquisição de serviços ou experiências tais como jantar fora, ir à academia ou viajar) terá alcançado sua finalidade não em si mesma (o ser feliz por si, a fruição por ela mesma), mas sim pela decorrência de sua felicidade: mais alegria, disposição e paciência que culminam em filhos que devem, igualmente, ser felizes!

Embora a grande maioria dos engajamentos ao post tenha sido de afirmação e concordância à ideologia ali presente¹², olhares críticos e resistências também aparecem e se dividem basicamente em dois argumentos que se entrelaçam: pelo viés da desigualdade de gênero e pelo viés das estruturas sociais. Algumas mulheres questionam se a “mãe feliz” não poderia ser uma realidade se os pais compartilhassem, de fato, as obrigações e responsabilidades pela criação dos filhos: “a formação dos filhos sobrecarrega sempre sobre a mãe. Apenas a mãe!! Onde fica a responsabilidade do pai???”; “a maternidade onde a mãe sempre se anula é a maternidade de nossa sociedade machista (...) A obrigação de filhos felizes é do casal, não de gênero. E a aldeia toda é necessária.”. Observações de ordem estruturante questionam a possibilidade de muitas mães em conseguir realizar seus “escapes de felicidade”: “Queria muito que fosse tão simples assim, quando não se tem rede de apoio não temos muita opção”; “Concordo com o texto. Mas é bem difícil conseguir isso sem rede de apoio. E essa, pra mim, é uma transformação social que precisa ser promovida cada vez mais”.

¹² O post obteve 80 “likes” e 29 “amei”. Dentre a maioria dos comentários que subscreve o conteúdo do post, estão afirmações como: “Acredito demais nisso. Sonho com uma geração criada por mães felizes. Acho que ela sim vai consertar o mundo.”; “Até me emocionei com o texto rs.. Exatamente o que penso! Precisamos falar sobre isso. Humanizar a maternidade!!! Não somos robôs e sermos sinceras de que temos nossas necessidades como mulheres, sempre foi visto com muito preconceito. Não existe filho saudável se os pais não estão saudáveis!”; “Acredito nisso 200%. Vi minha mãe ter depressão e síndrome do pânico por não ter cuidado de si mesma. Sei o quanto isso pode doer nos filhos.”.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O que gostaríamos de atentar, já nos encaminhando para a conclusão, é o quanto uma “transformação social” estruturada e disseminada é justamente enfraquecida por discursos como o do post acima analisado, que idealiza um ideal performático cujo alcance é construído como um mérito individual (enquanto seu não alcance é retratado igualmente em termos individualizantes, mas neste caso como um fracasso). É preciso, portanto, atentar para uma série de discursos que, embora revestidos por uma aparência de autonomia, “convoca as mulheres mais a uma transformação individualista e psicológica do que a uma ação política” (Leal, 2015, p. 6).

Conclusão

No contexto do "neoliberalismo" do final do século XX e início do XXI, marcado pelo desmonte de certos mecanismos de proteção institucional e pela hegemonia de uma mentalidade que legitima a concorrência interpessoal e a performance individual, ganha proeminência o conceito de mérito. Como explica a antropóloga brasileira Livia Barbosa, trata-se de um conjunto de valores que rejeita qualquer tipo de privilégio hereditário ou corporativo e que avalia os indivíduos “independentemente de suas trajetórias e biografias sociais” (Barbosa, 2003, p. 22), servindo de base à democracia desde a Revolução Francesa. Contudo, tal maneira de formular o *valor* de uma pessoa e de suas ações carrega consigo um aspecto perverso, pois tende a desconsiderar as condições sociais objetivas vividas pelos indivíduos e a apreciar apenas a capacidade subjetiva de se sobressair aos demais. Segundo Barbosa (2003), a avaliação de desempenho não resulta em um problema em si, mas sim as divergências em torno aos critérios de mensuração dos atributos individuais. Diante dessa falta de consenso, a meritocracia perde a sua potência como um mecanismo de combate à discriminação social inquestionável, e passa a ser um critério de diferenciação, classificação e exclusão.

Uma série de estudos atuais (Freire Filho, 2010; Castellano, 2014; Jorge, 2018) demonstra como os imaginários contemporâneos de sucesso e de alta performance estão intimamente associados à lógica meritocrática, ou seja, a um conjunto de valores segundo os quais as posições sociais e os ganhos dos mais variados sujeitos devem ser consequências de seus méritos e esforços individuais. Aqui, apresentamos mais um objeto que parece ceder à lógica da performance e do mérito: a mãe empreendedora. Não sem embates e resistências, observamos como essa emergente subjetividade – embora seja concebida sob perspectivas emancipatórias e empoderadoras – é sedutoramente capturada pela lógica capitalista, atendendo e respaldando ideais como os de performance e felicidade. Nosso



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

esforço e interesse em olhar para este objeto é o de perceber como, mesmo onde se supunha existir um suspiro de emancipação e transformação, há também capturas e torções que ofuscam o olhar sobre as relações de poder. Cabe a essas mães, portanto, “descobrir a que estão sendo levadas a servir”, como advertira Gilles Deleuze (1992), e buscar novas armas para combater “as alegrias do marketing” e resistir aos perversos imperativos performáticos.

Referências

- BARBOSA, Lívia. **Igualdade e meritocracia**. A ética do desempenho nas sociedades modernas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- CASTELLANO, Mayka. Sobre vencedores e fracassados, a cultura da autoajuda e o imaginário de sucesso. **Tese de doutorado em Comunicação e Cultura**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FREIRE FILHO, João. (org.) **Ser feliz hoje: reflexão sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV: 2010.
- HACKING, Ian. Making Up People. In: T.L. Heller et al. (org). **Reconstructing Individualism**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1985.
- HAN, Byung Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- JORGE, Marianna Ferreira. **Desempenho tarja preta: medicalização da vida e espírito empresarial na sociedade contemporânea**. Niterói, RJ: Eduff, 2018 (em prelo).
- KRUEGER, Meredith. Care and capitalist crisis in anglophone digital landscapes: the case of the mompreneur. **MA thesis**. University of Washington, 2015.
- LEAL, Tatiane. A mulher poderosa: construções da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro. **Dissertação de mestrado em Comunicação e Cultura**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.
- PINTO, Céli. Feminismo, História e Poder. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, v.18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.
- SALGADO, Julia. Entre solitários e solidários: o empreendedor nos discursos da Folha de S. Paulo (1972-2011). **Tese de doutorado em Comunicação e Cultura**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.